

## TENSÕES DE UMA LITERATURA-MUNDO DE EXPRESSÃO FRANCESA

### *Pour une littérature-monde*

Organização Michel Le Bris e Jean Rouaud.

Paris: Gallimard, 2007.

Álvaro Faleiros\*

Em 1992, o escritor francês Michel Lebris, fundador e organizador do festival literário “*Etonants voyageurs*” [surpreendentes viajantes], havia lançado um pequeno volume intitulado *Pour une littérature voyageuse* [Por uma literatura viajante]. Em 2006, o mesmo autor constata que cinco dos sete mais importantes prêmios literários franceses – o Goncourt, o Grande Prêmio do Romance da Academia Francesa; o Renaudot; o Femina; e o Goncourt des Lycéens – foram concedidos a autores francófonos não franceses. Sua constatação o leva a lançar, com o apoio de 44 escritores francófonos, em abril de 2007, um manifesto intitulado “*Pour une littérature monde*” [Por uma literatura-mundo], onde se lê:

*C'est à la formation d'une constellation que nous assistons, où la langue libérée de son pacte exclusif avec la nation, libre désormais de tout pouvoir autre que ceux de la poésie et de l'imaginaire, n'aura pour frontières que celles de l'esprit.*

[É à formação de uma constelação que assistimos, em que a língua, liberta de seu pacto exclusivo com a nação, livre doravante de qualquer outro poder que não seja o da poesia e do imaginário, terá como únicas fronteiras as do espírito.]

A necessidade de legitimação e de afirmação de uma “literatura viajante” ou “literatura-mundo” deve-se ao fato de, na França, haver uma tensão permanente entre a literatura parisiense e as outras literaturas de expressão

---

\* Professor do Departamento de Língua Estrangeira e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB). Email: alvarofaleiros@terra.com.br

francesa. Não é por acaso que autores do calibre de Nancy Huston, Tahar Ben Jelloun e Edouard Glissant não só assinaram o manifesto, mas deram seus depoimentos para a organização de uma antologia, também chamada de *Pour une littérature-monde*, publicada, em maio de 2007, pela Gallimard. O livro é uma radiografia das complexas relações existentes entre aqueles que utilizam o francês como língua de expressão literária e as esferas de legitimação dessa literatura na França, ou seja, em Paris; e que pode ser compreendida à luz de alguns dos depoimentos que ali se encontram.

Ben Jelloun, sem dúvida uma voz de relevo e escritor de grande talento, é dos autores em cujo depoimento se nota a postura confortável de quem foi reconhecido. Esse escritor argelino, que tem como língua materna o árabe e como língua escolar o francês, afirma ter escrito desde sempre em francês. Ben Jelloun afirma: “*Le français me donne une liberté et une jouissance qui m’enchantent et fouettent avec une belle énergie mes pensées les plus enfouies*” [O francês me dá uma liberdade e uma alegria que me encantam e que atacam cheias de energia meus pensamentos os mais distantes]. À vontade na língua, parece também bastante satisfeito com a recepção de sua obra: “*Le public, le grand public ne fais pas de distinction entre une littérature ‘noire’ et autre ‘blanche’*” [o público, o grande público, não faz diferença entre uma literatura negra e outra branca]. Para ele, o problema não se coloca, mas tampouco o autor se pergunta sobre o crivo da crítica e das políticas editoriais. É importante, contudo, lembrar que a temática de sua obra é essencialmente árabe e ocupa lugar de destaque no nicho “exótico” das coleções.

A única preocupação de Ben Jelloun, no que concerne a chamada francofonia<sup>1</sup>, é a política de divulgação cultural do governo francês. Num tom quase melancólico, lamenta: “*Combien l’État français [...] se trompe en diminuant les crédits de la coopération culturelle [...] il accentue le déclin de la langue française et de sa culture dans le monde*” [Como o estado francês [...] se engana ao diminuir os fundos da cooperação cultural [...] ele acentua o declínio da língua francesa e da cultura no mundo]. Seus comentários em relação aos colegas africanos de profissão não distam muito do discurso médio da crítica francesa. Ao referir-se a obra de Khäir-Eddine, que considera uma das vozes que exploraram as possibilidades da língua francesa, indo buscar, no mais recôndito da memória da língua, palavras e termos, Ben

---

1 Francofonia, instituição política criada para agrupar os países de expressão francesa. Hoje estruturada, sobretudo, em torno do governo francês, o principal financiador.

Jelloum afirma: “*il saccageait le français en étant irréprochable sur la syntaxe*” [ele sacudia o francês sendo inquestionável em relação a sua sintaxe].

Mais crítico, Mabanckou, em outro depoimento da mesma antologia, reconhece uma certa condescendência da crítica francesa quando esta faz afirmações como a de que se trata de um “*africain qui manie notre langue avec brio*” [um africano que maneja nossa língua com brio]. Congolês residente na Califórnia, onde é professor universitário e recentemente premiado pela crítica francesa, Mabanckou dá a impressão de olhar para as esferas de legitimação francesas com mais liberdade. Por um lado, reconhece sem pudores que Paris continua “o centro da unidade de medida”, inclusive em relação aos seus escritores do interior da França, que tem seus livros expostos em feiras juntamente com o “foie gras”. Por outro, condena uma certa postura da crítica parisiense que vê as literaturas “exóticas” em língua francesa como lufadas de ar que vêm arejar a língua de Racine e salvá-la de certa repetição e de uma perda de hegemonia ante o inglês. Para Mabanckou, “*On écrit pas pour sauver la langue mais por em créer une*” [Não se escreve para salvar a língua mas para criar uma]. (Grifo do autor).

Para Mabanckou a chamada “littérature-monde” não é um fenômeno ligado a uma determinada língua ou cultura, para ele “*la littérature-monde est celle qui fonde les complicités au-delà des continents, des nationalités, des cathéchismes et de l’arbre généalogique*” [a literatura-mundo é aquela que funda cumplicidades para além dos continentes, das nacionalidades, dos catequismos e das árvores genealógicas]; cumplicidade entre leitores e escritores, entre artistas que se comunicam, criam redes, movimentam-se e se misturam.

Uma terceira tendência pode ser notada no depoimento do escritor quebequense Jacques Godbout. Reticente diante do possível alcance da proposta do livro, o autor quebequense se pergunta: “*Existe-il des oeuvres-monde en français?*” [Existem obras-mundo em francês?]. A resposta é “*Bien sûr! [...] Mais la notion n’est pas encore incarnée dans l’institution littéraire française*” [É claro [...] Mas a noção ainda não está encarnada na instituição francesa]. Godbout resume assim a questão:

*Les Français ont perpétué l’approche coloniale en acceptant de nommer ‘franco-phonie’ leur relation nouvelle avec les nations libérées. Le nouvel espace serait ‘francophone’ [...] mais Paris restait le banquier de la littérature.*

[Os franceses perpetuaram a abordagem colonial ao aceitar chamar-se de “francofonia” sua nova relação com as nações livres. O novo espaço seria francófono [...] mas Paris continuou sendo o banqueiro da literatura].

A dificuldade de reconhecimento das literaturas de expressão francesa pelos franceses atinge também a instituição universitária. Godbout constata que as universidades estados-unidenses têm mais cursos dedicados à literatura de expressão francesa que a França. A consciência de fazer parte do continente americano parece ser mais determinante na compreensão do lugar e do papel dessas literaturas do que a questão lingüística. Para que haja uma verdadeira transformação, acredita Godbout, “Paris deve modificar seu aparelho editorial e crítico”.

A postura dos escritores diante do impasse assume diferentes facetas, e uma das mais produtivas parece ser a produção literária e reflexão crítica de Edouard Glissant. Em entrevista reproduzida em *Pour une littérature monde*, Glissant declara:

S'agissant de poésie et de politique, je crois avoir toujours obéi à un instinct qui me portait d'abord à considérer que l'objet le plus haut de la poésie était le monde: le monde en devenir, le monde tel qu'il nous bouscule, le monde tel qu'il nous est obscur, le monde tel que nous voulons y entrer [...] lieu de rencontres, de choc des cultures, des humanités.

Tratando-se de poesia e de política, acredito ter sempre seguido um instinto que me levava primeiramente a considerar que o objeto mais alto da poesia era o mundo: o mundo em devir, o mundo que mexe conosco, o mundo em sua obscuridade, o mundo no qual queremos entrar [...] lugar de encontros, de choque das culturas, das humanidades.

A postura de Glissant se assemelha a de Mabanckou, ambos tratam a literatura-mundo como a literatura do contato, da troca, do movimento e do devir. Uma literatura que *cria* a sua língua e sua humanidade, por isso híbrida e pós-colonial, para lembrar alguns adjetivos em voga.

É claro, como nota Mabanckou, não se trata de um processo simples, pois as esferas de legitimação parisienses escolhem temas e formas estrangeiras que lhe aprazem por corresponderem a um certo imaginário exótico da antiga metrópole. O embate está explicitado no livro, ganha novos contornos a cada depoimento, e o que se pode concluir é que a complexa rede de interesses individuais e coletivos que o configura continua a ser tecida com as nuances e as cores de uma literatura que se pensa e se reinventa a cada instante.